

# Maputo mulher: o conflito entre o velho e o novo

115

— ENTREVISTA COM MÁRIO BORGNETH, REALIZADOR DO FILME

Domingo 11/11/84

Foto de Chico Carneiro, KANEMO

**Maputo Mulher é o título de um filme-documentário de ficção produzido e estreado há dias no nosso País. É uma fita que põe a nu os actuais problemas da mulher moçambicana, tanto no lar como no trabalho; na sociedade, em geral, problemas que constituem o conflito entre a velha sociedade tradicional e a nova que actualmente construímos. Filme bastante real na sua abordagem às questões em foco. Não obstante possuir uma trama e um enredo fictício tem também uma característica informativa-mobilizadora e uma mensagem final, feita transparecer no diálogo entre duas mulheres, representando o velho e o novo. Pela maneira como este conflito nos é mostrado e pela sua autenticidade, o filme pode ser, assim, considerado como uma verdadeira bandeira da mulher moçambicana, uma imagem da nossa mulher.**

Maputo Mulher é um documentário a preto e branco produzido em conjunto pela Kanemo Produção e Comunicação e pelo Instituto Nacional de Cinema. É das poucas fitas de ficção produzidas no nosso País, género de cinema que começa a ganhar terreno, pelo reconhecimento do seu valor. No seu elenco Maputo Mulher conta com as presenças de Ana Magaia e Lina Magaia nos papéis principais, sendo o argumento e roteiro de Colane da Silva e Mário Borgneth, este, responsável, ainda pela direcção.

Embora só agora esteja em estreia entre nós, o filme já é conhecido no estrangeiro, nomeadamente no Zimbabwe, onde fez parte dos filmes que Moçambique apresentou num Seminário de cinema africano. Actualmente, participa no 1.º Festival de Cinema e Vídeo do Rio de Janeiro, Brasil.

Maputo Mulher constitui, também, a primeira experiência do género para a Kanemo, uma empresa surgida há pouco tempo e que até agora produziu quatro documentários, sendo eles O Future Sorriso (Chico Carneiro) Água... (Labi Mendonça) Ponte de Tete (Labi Mendonça) e Um Dia Com Os Pastores De Tete (C. Carneiro e L. Mendonça).

Para uma breve apresentação de Maputo Mulher e para o conhecimento do que levou a sua produção, publicamos, em seguida, uma entrevista com Mário Borgneth, da Kanemo e de nacionalidade brasileira, que é o Director de Produção do filme.

Domingo — Como é que surge a realização de Maputo Mulher?

Mário Borgneth — Bom, Maputo Mulher nasceu por um conjunto de circunstâncias dentro dos objectivos traçados para o trabalho da Kanemo. Nasceu, principalmente, da necessidade de querermos ganhar maior experiência, com duas variantes: medir a organização da nossa produção, fazendo um filme de boa qualidade, barato e em tempo recorde e, por outro lado, fazermos um trabalho que nos obrigasse a atingir um nível superior ao habitual, utilizando todos os padrões de produção do Instituto Nacional de Cinema

Domingo — E porquê o facto de, desta feita, terem enveredado pela ficção?

Mário Borgneth — Escolhermos a ficção precisamente por procurarmos um trabalho que nos obrigasse

a atingir um nível superior de qualidade, tanto mais que o filme foi quase todo ele feito por estagiários e pessoal moçambicano. Ao escolhermos o cinema de ficção tivemos o cuidado de transportar para o ecrã a realidade e mostrarmos que este tipo de cinema também tem a sua vantagem, que podemos fazer cinema sem que seja estritamente o do tipo informativo e intervenção, como outros documentários que têm sido produzidos.

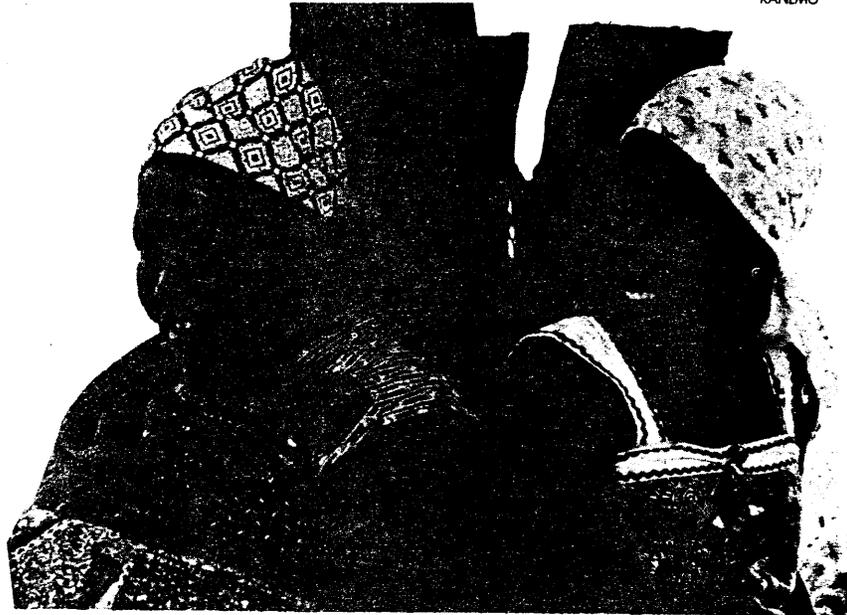
Domingo — Como é que a mulher aparece como o tema central deste vossa novo trabalho?

Mário Borgneth — Ao fazer cinema de ficção não descuramos o sentido da intervenção, da mobilização. Nós iniciamos a produção deste filme em Maio e, nesso altura, o tema cande era a mulher. Devido à preparação da Conferência da OMM, a mulher ficou a constituir depois de uma discussão, o tema da nossa obra.

Domingo — Que objectivos é que nortearam a produção do filme, tendo como tema a mulher? Qual a mensagem que pretendiam transmitir?

Mário Borgneth — Fundamentalmente, com o filme quisemos contribuir para uma maior discussão na Conferência da OMM. No filme, nós não propomos nenhuma solução para os problemas da mulher. Quisemos apenas transportar os verdadeiros problemas da mulher, projectar a realidade no ecrã ao nível da ficção — esse foi o nosso grande desafio.

Domingo — E nesse desafio não



encontraram dificuldades? Por exemplo, o filme foi iniciado em Maio e só agora é que é concluído e estreado...

Mário Borgneth — Começando pela tardia conclusão do filme, digo que esse facto foi provocado por problemas de finalização, de trabalho de laboratório do Instituto Nacional de Cinema. As filmagens foram feitas apenas numa semana.

Para a feitura do filme, outras dificuldades encontramos, com realce para a aparição de outros conceitos: para o cinema de ficção são necessários o enredo, a trama, etc. E nós fomos buscar isso à realidade, demonstrando que na mobilização a ficção também tem uma grande importância, pode dar resultados positivos.

Domingo — Maputo Mulher tem a sua estrutura narrativa baseada no cumprimento tradicional entre duas mulheres. Porquê assim?

Mário Borgneth — Optámos pelo

cumprimento tradicional porque durante o qual, cada um à sua vez, os intervenientes fazem o ponto de situação da sua família, do seu trabalho, em suma o ponto de situação da sua vida, dos seus problemas. E neste filme, ao longo da narrativa, Rita, que é a personagem principal, fala da sua vida, do marido que foi para Tete e não voltou, do seu novo trabalho na fábrica e da sua maneira de ver a actual situação social. Por seu turno, Tia Zaveta, que representa a velha sociedade tradicional e que migra das zonas rurais para a cintura suburbana da cidade capital, também conta a sua vida, os seus pontos de vista e o conflito que encontra ao deparar-se-lhe a nova sociedade em construção.

Domingo — Já que afirmou que o filme não propõe nenhuma solução para o conflito velho-novo, qual será a mensagem final da história?

Mário Borgneth — Bom, ao longo do filme vemos que Rita é um produto da nova sociedade moçambicana; um produto não acabado, dado que a própria sociedade não é uma sociedade acabada. Em discussão com a Tia Zaveta e em confronto com a nova sociedade, Rita passa a ter consciência dessa mesma sociedade e contrapõe-se à velha, à tradicional, defendida pela tia. Mas não é Rita que ganha a consciência ela a cria, ela é obrigada a ter essa nova visão, essa consciência, devido às transformações de organização social em que se encontra. No final, dá-se o ruptura na discussão entre as duas mulheres, mas uma ruptura que pressupõe o convívio entre as duas sociedades. É assim que através da acção de trabalho se dá a unidade. É esta a mensagem de mobilização; de que a transformação da sociedade se opera com o tempo, é um processo gradual.

Domingo — Com a realização de Maputo Mulher terão tido ainda outros objectivos? Nos diálogos, por exemplo, parece querer haver uma sugestão para a utilização de uma nova linguagem, ou não?

Mário Borgneth — Sim, é verdade. Tentámos aproveitar este filme para a criação, de uma meta-linguagem; uma espécie de simbiose de português-ronga-bitonga. Aliás, na vida real é mesmo assim, nada foi inventado. É daí que, se o filme for por exemplo a Cabo Delgado, lá, os espectadores saberão que esta história é da zona sul de Moçambique, passarão a conhecer os problemas da mulher nessa mesma zona.

Domingo — E para finalizarmos abordemos o aspecto técnico do filme. Como terá sido ele concebido?

Mário Borgneth — Al iria focar este ponto: nós trabalhámos (tivemos mesmo essa preocupação), de trabalhar com a verdadeira linguagem, cinematográfica, a linguagem universal; o filme apresenta inúmeros cortes, variadíssimas situações que provocam outras tantas emoções a quem o vir. Não trabalhamos num único plano ou pouco mais. Isto porque há quem diga, e são muitas as pessoas, que o público moçambicano não sabe ver cinema. Que está habituado a uma corrida de cena lenta, com poucos cortes, porque, como dizem, o contrário baralho o público e este não entende nada da história. Isso é falso, e a prova são esses filmes de Kung Fu e Indianos que têm sempre grande público.

Para além desse ponto, é a questão da utilização da ficção. Há quem diga que o cinema de ficção não serve para nós, para a mobilização: isso também é falso. O que interessa é não confundir cinema de ficção com cinema burguês e saber fazer ascender a realidade ao plano de cinema de ficção. ■



A imagem mostra a preparação de uma das cenas de Maputo Mulher, vendendo ao fundo, com a mão no queixo, Mário Borgneth, realizador do filme e nosso entrevistado. (Foto de Chico Carneiro, KANEMO)